
Uma representatividade caricata; o corpo da mulher negra como objeto controlável¹

Vannessa Mascarenhas dos Santos²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira/BA

RESUMO

A presente pesquisa propõe analisar na performance seriada da telenovela *Cheias de charme* (2012), da rede TV GLOBO, como a construção da imagem e, o poder que lhe foi concebido historicamente, podem influenciar na percepção sob o corpo da mulher negra que é representado de forma caricata e racionalizada, e como as produções se tornam responsáveis por reproduzir e fomentar o idealismo racista que atravessa a sociedade brasileira. A personagem Maria da Penha Fragoso (Penha), transmite em seu enredo as representações determinadas à mulher negra perante a ótica da misoginia e do racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Mulher negra; Racismo; Representação; Telenovela.

Este estudo, com base na análise do conteúdo televisionado, verifica contribuir de forma consciente de que os responsáveis por trás das produções televisivas são parte do que se entende como controladores sociais, motivadores que reforçam os estereótipos determinados para o corpo da mulher negra, aludindo sobre as perspectivas tidas ao seu redor, fazendo acreditar o próprio sujeito de que a realidade televisionada é aquela direcionada para ela.

Cabe aqui entender que a intenção não é condenar as produções de entretenimento brasileiro, como são as telenovelas mas, sim, fazer com que tais produções sejam entendidas minuciosamente como os meios de reforço cultural e veiculação de conceitos e ideologias, capazes de fazer manifestar socialmente aquilo que é televisionado, mantendo e fervilhando os paradigmas estruturados em nossa sociedade.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRB, com bolsa CAPES, e Membro do VISU - Grupo de Pesquisa e Extensão em Arte, Imagem e Visualidades da Cena. E-mail: vannessam76@gmail.com.

A imagem, em sua dimensão comunicacional, é entendida não apenas como um dispositivo, mas também como um engendramento de conceitos presentes na imaterialidade e, que são transmitidas ao material de maneira que sua influência seja exitosa no meio social, influenciando assim na recepção do conteúdo, uma vez que “a aparição dos corpos nas telas, possua uma relação com o lugar criado para o telespectador” (MONDZAIN, 2009, p. 9).

O poder que é concebido à imagem se dá pelo desejo do homem em ver. A igreja católica no Século XX, compreendendo que “a fé se alicerça no olhar”, se apoderou desse anseio da visualidade para encarnar, incorporar e personificar um idealismo presente no imaginativo social, e fez tornar visível o invisível e infigurável: a imagem de Cristo. Formulando maneiras de transformar em performance de simulação e imitações o que está escrito nas escrituras bíblicas, aludindo a redenção e ressurreição como um espetáculo libertador e romantizado, alienando seus seguidores e idólatras, assim a igreja vai assumindo o controle dos olhares voltando-os para si na ausência de uma presença divina, pois, “é através da imagem fac-similada ou objeto substitutivo, que uma relação de poder se estabelece.”(MONDZAIN, 2009 p. 22-30)

Dito isso, a imagem vai assumindo papéis e preenchendo espaços sociais de contemplação e adoração, tendo em seus conteúdos expressos os desejos e idealismo de um povo, manifestado para atrair e manipular ações, agindo como um vetor que prospecta olhares e atenção, operando no imaginativo do sujeito, concebendo à imagem o poder de definir padrões comportamentais e edificar idealizações presentes no imaginário social. Na sociedade pós-moderna, como a que vivemos, imersa no capitalismo, vemos a performance imagética se difundir expressivamente como um espetáculo onde é possível verificarmos as intenções dos responsáveis de sua produção, conforme entendemos as finalidades de tais realizações visuais que são criadas para fins de interesses próprios, sejam eles mercadológicos, ou não.

Na dimensão social, conforme são desenhadas estratégias na manipulação da construção das imagens e suas propagações massivas, a imagem vai tomando novos percursos. As atribuições dadas a elas estão, também, dentro das perspectivas de recepção onde se relacionam com o desejo subjetivo do hegemônico, que veem nas produções visuais a efetivação dos seus anseios postos em materialidade nas telas, sendo as imagens construídas da fusão dos sentimentos e sensações, sejam paixão, ódio,

desejo, ou até mesmo a representação de um idealismo presente na socialização de um povo em relação ao outro, e é aqui onde a realização da imagem da violência é trazida para a visualidade como forma de entretenimento, cujo intuito é propagá-la e transformá-la em mercadoria.

O poder da imagem está no desejo de ver e fazer visível. “A imagem alcança sua visibilidade na relação que se estabelece entre aqueles que a produzem e aqueles que a olham” (MONDZAIN, 2009, p. 30). Não necessariamente as imagens, em seu inteiro teor, são responsáveis pelas manifestações de violências, mas cabe aqui entender que os contextos aos quais elas são construídas e veiculadas tendem a induzir ou incitar alguns ideais determinantes que se traduzem nas violências.

Por se tratar de produções visuais nos meios comunicacionais de massa, se faz necessário trazer o conhecimento do aspecto operativo *mimesis*, discutido por Jorge Cardoso e Juliana Gutmann (2019), no qual as percepções ocasionadas das telenovelas gera no telespectador o que compreendemos como verossimilhança que é a identificação com a retratação da realidade daquele ambiente televisionado, - esse aspecto analítico servirá para caracterizar as produções em torno da experiência estética do telespectador nesse âmbito -, que institui nele uma opinião e até mesmo o induz a reproduzir o que é visto e ouvido na tela.

Traçando o percurso das telenovelas, o sujeito selecionado para uma análise de conteúdo é a personagem Maria da Penha Fragoso, conhecida como Penha, e a narrativa delineada para esta personagem é o enredo da telenovela *Cheias de Charme* (2012), escrita por Izabel de Oliveira e Filipe Miguez. Nesse método, a análise seriada da trajetória se encontra no episódio piloto, na reviravolta e no final da personagem, que auxiliará na compreensão das articulações dos modos de transmitir tal realidade, que configurados em caráter caricato, reproduzem a vida de uma mulher negra, preta retinta, moradora da periferia do Rio de Janeiro, mãe e empregada doméstica.

Penha passa por diversas situações de humilhação no ambiente de trabalho, sendo perceptível que as outras personagens que compõem seu grupo de música, Cida e Rosário, diferentemente não vivenciam, sendo justificável comparar ao seu tom de pele. Nesse sentido, Penha é tratada como objeto, por suas empregadoras, como se ela as pertencesse, passando por diferentes casas da classe média, em busca de melhorias na

execução do seu serviço e fuga de situações problemáticas, como o assédio sofrido pelo marido de sua ex-patroa e amiga, Lygia.

A personagem passa por complicações um tanto embaraçosas em sua vida amorosa, onde a presença do seu ex-marido, Sandro, pai do seu filho, Patrick, a persegue por toda narrativa, fazendo ela perder a cabeça, e quase perder a casa onde mora com o seu filho e irmãos mais novos, devido uma trama feita por ele.

Apesar de tantos embaraços, Penha conhece e se envolve emocionalmente com outros rapazes durante sua trajetória, no entanto é por Sandro, o seu ex-esposo e pilantra, que seu pensamento e coração seguem ligados.

Em todo o tempo, mesmo com a melhora de vida das personagens, devido ao sucesso do grupo *Empreguetes*, diferente das demais personagens, Penha é a única que é mantida na perspectiva de servidora, sempre vestindo o avental de empregada. Desse modo, ela segue exercendo essa função durante a novela, em busca de manter o sustento de sua família. Uma narrativa sustentada pela ideologia de racialização do corpo negro e tudo o que envolve socialmente em sua realidade sensível e subjetiva.

A contaminação que vai confluindo na sociedade, resulta das exposições da violência contra o corpo da mulher negra, que é alimentado pela ideologia racista do Colonialismo. Por exemplo, quando no esquema da iconicidade toda associação de objetificação, sexualização, subordinação e servidão são comumente direcionadas ao corpo negro, são os efeitos negativos dessa exposição sendo empregues de forma violenta em nossa existência, implicando em nossa liberdade como sujeito.

Nessa perspectiva, na construção performática das telenovelas que tem como objetivo o entretenimento, analisar as produções em torno das realidades construídas para um corpo determinado é de suma importância, pois a partir dele é possível compreender os estigmas que são reforçados corriqueiramente na sociedade brasileira. A fomentação do discurso que é descrito à mulher negra, está significado em ocupar os espaços sociais mais subalternos, sejam por justificativas como desprovidas do intelecto ou da “boa aparência”, são tidas como articulações para nos manter em situações de vulnerabilidade social, participando do exército de servidoras, eximindo os responsáveis da culpa por tal exclusão.

Mondzain (2009, p. 26) expõe em sua obra que a “encarnação é dar carne e não dar corpo. E operar na ausência das coisas”. A encarnação aqui feita é da desigualdade

imane da realidade subjetiva do corpo negro. As ideologias estruturadas da sociedade é encarnada, ou seja, nela estão presentes os estigmas nutridos na consciência social dos sujeitos, que acaba por refletir nas construções imagéticas a realidade instituída de como se idealiza uma visualidade para a identidade negra, envolta de padrões. Socialmente, quando um adjetivo de subordinação e objetificação é dado à incorporação, é possível visualizarmos o corpo o qual está sujeito na materialidade às ações de subordinação.

Concebemos à imagem, o poder de tornar visível aquilo que se encontra na subjetividade infigurada, podendo ela definir padrões de comportamento, ideais e reformulações de relacionamentos interpessoais, nelas se fazem presentes as ideologias nutridas na estruturação da sociedade em forma de entretenimento e espetáculo caricato, na maneira de representação de uma realidade que foi delineada e determinada para os corpos negros. É também uma maneira de controlar as perspectivas tidas a partir das relações com o outro, mantendo uma corporeidade imersa na sujeição, como explicita Patricia Hill Collins em seu conceito, numa entrevista divulgada pela TV BOITEMPO (2019).

Para dialogar com a análise feita do conteúdo, visando embasar o entendimento a respeito das construções representativas da mulher negra nas produções visuais nos *mass media* e como essas possuem forte influência no imaginativo do sujeito social, a valência dos conceitos de poder e domínio da imagem, no conceito de Patricia Hill Collins sobre “Imagens de Controle”, com o suporte de Winnie Bueno (2020), se faz importante para compreendermos como o contexto hegemônico se articula para controlar as percepções e apercepções a despeito do corpo da mulher negra, assumindo a ação de controle das perspectivas, criando assim, no próprio sujeito subordinado no ato, o ideal determinado para si mesmo.

Marie-José Mondzain (2009) discorre sobre o quão poderosa uma imagem constituída de interesses políticos e sociais pode contaminar um espaço e o subconsciente populacional, com isso, é de suma importância entendermos como e por quem as produções visuais são manipuladas para “fazer ver e fazer fazer” as ideologias estruturais na sociedade brasileira, contribuindo para que o telespectador sinta-se contemplado com tais visualidades televisivas nutrindo o sentimento de verossimilhança Jorge Cardoso e Juliana Gutmann (2019).

REFERÊNCIAS

Bueno, W. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

GUTMANN, J & CARDOSO FILHO, J. Performances como expressão da experiência estética: modos de apreensão e mecanismos operativos. **Intexto**, n. 47, vol. 03, 2019.

MONDZAIN, Marie-josé. **A imagem pode matar?** Passagens. Nova Vega, Limitada, 1ª edição. 2009.

FILMOGRAFIA

Cheias de Charme, exibida entre 16 de Abril e 28 de Setembro do ano de 2012, no horário das dezenove horas, na emissora Globo, 143 capítulos, escrita por Izabel de Oliveira e Filipe Miguez, dirigida por Denise Sarraceni. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1906756/programa/l>> último acesso em: jun. 2024.

TV BOITEMPO. **Patricia Hill Collins explica pensamento feminista negro**: Imagens de controle. Plataforma YouTube, 2019.